

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Transição para a Parentalidade: Relação entre Vinculação Romântica, Coparentalidade e Conjugalidade

Camila Victoria Sardinha Ravelo

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE: RELAÇÃO ENTRE VINCULAÇÃO
ROMÂNTICA, COPARENTALIDADE E CONJUGALIDADE**

Camila Victoria Sardinha Ravelo

Outubro 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pela Professora Doutora *Marisa Matias* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	i
Abstract.....	iii
Introdução	8
Transição para a Parentalidade.....	8
Relação Coparental	9
O Papel da Vinculação na Transição para a Parentalidade	11
O presente estudo	14
Método	14
Procedimento de Recolha de Dados.....	14
Instrumentos	17
<i>Quality of Marriage Index</i>	17
<i>Experiences in Close Relationship Scale</i>	17
<i>Coparenting Relationship Scale</i>	18
Procedimento de Análise de Dados.....	18
Discussão.....	26
Implicações, limitações e estudos futuros	29
Referências.....	31

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Marisa, este trabalho não poderia ter-se concretizado sem a sua paciência e disponibilidade, por me ter dado acompanhado ao longo deste período e ter-me ajudado a desbloquear inúmeras vezes. Admiro a sua humildade e dedicação em tudo o que faz, por nos transmitir o entusiasmo e a curiosidade necessária para um profissional da nossa área.

A mi familia, regados por el mundo, *todos mis logros son por y para ustedes*. Gracias por ser siempre mi pilar, donde sea que estemos, por tener paciencia ilimitada y por responder todas mis llamadas dramáticas. A mi mãe, por ser mi ejemplo de dedicación y creatividad, así como de resiliencia y firmeza, por siempre atenderme y darme tu apoyo incondicional. A mi pai querido de mi corazón, gracias por ser ejemplo de responsabilidad y profesionalismo, por siempre apoyarme y desafiarme a dar lo mejor de mí, mi admiración por ti va hasta el infinito y más allá. A mis hermanos, Elo, Jorge y Luis, gracias por incentivar me a pensar fuera de la caja, alimentando mi ya de por si ilimitada curiosidad, pero especialmente por creer en mi en los momentos que yo no pude.

À Maria, à Valeria, à Nati, ao Cris e à Melina, acredito firmemente que sou um bocadinho de cada uma das pessoas com as quais me relaciono, e agradeço ter adotado as vossas melhores qualidades. Deram-me aprendizagens que levarei sempre comigo e que moldaram a minha pessoa. O vosso olhar crítico, sinceridade, lealdade, valores e dedicação absoluta em cada um dos vossos objetivos são só algumas das características que me fazem sentir orgulhosa de os chamar amigos. Obrigada por me apoiarem, confiarem no meu potencial e ter-me acompanhado ao longo deste percurso, que só nós sabemos, nem sempre foi fácil.

Aos meus Rufianos e Venturianos, obrigada por serem a minha companhia constante ao longo destes 5 anos, o meu percurso académico não teria sido igual sem vocês. À Nádia, ao Juan, ao PP e ao Francisco, cada jantar de gymbros, ida à rua e chás de meia noite lembravam-me das pessoas incríveis com quem partilhava o dia a dia, sendo que não escolheria passá-lo de qualquer outra forma.

Às pessoas com as quais me cruzei no decorrer nestes anos, especialmente às minhas larápias, por nos termos apoiado mutuamente partilhando as nuances de ser estudante de psicologia nesta Casa. À AEFPCCEUP que me trouxe aprendizagens imensuráveis e um autoconhecimento essencial na solidificação da minha identidade pessoal e profissional.

A todos, um enorme obrigada.

Resumo

A transição para a parentalidade é considerada um período de crise para o casal, de forma que os membros do sistema familiar têm de adotar estratégias para gerir a integração do novo membro. O presente estudo pretende explorar a experiência conjugal ao longo da transição, avaliando, posteriormente, o efeito moderador da vinculação romântica e da qualidade da relação coparental nas mudanças evidenciadas na satisfação conjugal – antes e depois da chegada do primeiro filho. A amostra foi constituída por 134 participantes correspondentes a 67 pares de sexo diferente, que participaram num estudo longitudinal através da resposta a um questionário em dois momentos, um durante a gravidez e outro após o nascimento da criança. As análises foram baseadas no *Actor-Partner Interdependence Model* (APIM), permitindo aferir o modo como o posicionamento de um dos membros do casal se relaciona com o posicionamento do outro membro perante o mesmo fenómeno (interdependência dos membros). Em concordância com a literatura, os resultados demonstram uma diminuição da satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho. Adicionalmente, verificou-se um efeito moderador da perceção de qualidade da relação coparental do próprio (efeito de ator) na variação da satisfação conjugal ao longo da transição. Já no efeito moderador da vinculação romântica, apenas surgiram efeitos de ator significativos na dimensão ansiedade, quer em homens quer em mulheres, não se verificando qualquer efeito parceiro. Em suma, este estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada da transição para a parentalidade, elucidando o impacto desta fase nas dinâmicas diádicas e destacando áreas específicas que podem beneficiar de maior atenção em intervenções focadas no casal.

Palavras chave: Transição para a parentalidade, satisfação conjugal, coparentalidade, vinculação romântica, *Actor-Partner Interdependence Model*.

Abstract

The transition to parenthood is often considered a period of crisis for the couple, where members of the family system must adopt strategies to manage the inclusion of a new member. The aim of this study is to explore the changes experienced in the marital relationship throughout the transition, and then to assess the moderating effect of romantic attachment and quality of the co-parenting relationship on the changes in marital satisfaction before and after the birth of the first child. The sample consisted of 134 participants corresponding to 67 dyads of a different sex, who took part in a longitudinal study by responding to a questionnaire at two different time points, one during pregnancy and another after the birth of the child. The analyses were conducted using the Actor-Partner Interdependence Model (APIM), allowing for the analyses of dyadic interdependences, i.e. how the positioning of one member of the couple is associated with the positioning of the other member regarding the same issue. Consistent with existing literature, the findings indicate a decline in marital satisfaction following the birth of the first child. Furthermore, lower perceptions of the quality of the co-parenting relationship demonstrated a moderating effect on own marital satisfaction variation (actor effect) throughout the transition to parenthood. As for the moderating effect of romantic attachment, only significant actor effects on anxiety were found, both for men and women, and no partner effect. In summary, this study contributes to a deeper understanding of the transition to parenthood phase, elucidating its impact on dyadic dynamics and highlighting specific areas that could benefit from greater attention in couple-focused interventions.

Keywords: Transition to parenthood, marital satisfaction, co-parenting, romantic attachment, Actor-Partner Interdependence Model.

Introdução

Transição para a Parentalidade

Inúmeras investigações têm evidenciado que a transição para a parentalidade acarreta mudanças nos sistemas familiares, sendo uma fonte de stress e um período de crise para seus membros, trazendo mudanças intrapessoais e interpessoais para os mesmos (Riggs, 2018). Esta é uma fase única no ciclo de vida familiar, sendo uma experiência simultaneamente individual e partilhada com o cônjuge (Mickelson & Biehle, 2017), onde a experiência da transição para a parentalidade de um membro do casal influencia a experiência da transição do outro (Young et al., 2017). Autores na área reportam o surgimento de novos problemas e a amplificação de vulnerabilidades preexistentes, como resultado do esgotamento dos recursos disponíveis de ambos os elementos devido à adaptação às mudanças (Cowan & Cowan, 1995). Este é assim um momento de vários desafios que reflete as capacidades e a forma de funcionamento do casal, onde se tem de recorrer a estratégias, competências e novas dinâmicas para gerir as mudanças que surgem pela entrada de um novo membro na família.

Na vivência da transição para a parentalidade exige-se um nível de adaptabilidade à mudança tanto na individualidade dos seus membros, como na dinâmica diádica. Este pode ser um processo pouco harmonioso onde os casais experienciam “*moderado ou severo stress*” no decorrer desta transição, sendo definido como um período de crise para o sistema (LeMasters, 1957). Para a compreensão deste momento importante do ciclo de vida da família, podemos recorrer à Teoria dos Sistemas Familiares, que postula que o sistema é composto por indivíduos interdependentes, sendo a imagem do casal composta por características de cada indivíduo e por características resultantes da interação de ambos (Holmes, 2013). Neste sistema, existem subsistemas interrelacionados (e.g. relação conjugal, relação pai-filho), onde cada um afeta e é afetado por outros subsistemas a diversos níveis – individual, sistémico e intergeracional (Erdem & Safi, 2018; Pedro et al., 2012). A relação conjugal tem sido definida, na teoria dos sistemas familiares, como a base da solidariedade e elemento chave que determina a qualidade de vida familiar (Erel & Burman, 1995); assumindo-se que a qualidade desta relação afeta, não só a dinâmica pais-criança, mas a forma como a família enquanto sistema lida com situações desestabilizadoras.

Surgem assim implicações na individualidade dos elementos do casal devido à crise no sistema, sendo que tornar-se pais tem demonstrado efeitos de distress psicológico e de redução do bem estar com possíveis consequências duradouras (Welch et al., 2019). Já no que diz

respeito às mudanças na díade, verifica-se uma diminuição na satisfação conjugal, níveis elevados de stress e menos tempo para atividades conjuntas de lazer (Cowan & Cowan, 1995; Refaeli et al., 2023; Roth et al., 2022).

Considerando estas implicações negativas no bem-estar, stress e qualidade de vida, procurou-se entender as razões pelas quais estas alterações surgem, nomeadamente no que diz respeito à diminuição reportada na satisfação conjugal. Numa meta-análise realizada por Mitnick e colaboradores (2009), exploraram-se as diferenças na satisfação conjugal em casais sem filhos e em casais em transição para a parentalidade. Embora as duas amostras mostrassem um declínio da satisfação conjugal ao longo do tempo, não houve diferenças significativas entre elas, indicando que o declínio podia encontrar-se associado a mudanças normativas na satisfação conjugal de recém casados. Contudo, outros estudos abordam o nascimento do primeiro filho como catalisador do declínio – numa diminuição mais acentuada da satisfação conjugal nos casais com filhos (Cowan & Cowan, 1995; Doss et al., 2009 cit. in Trillingsgaard, 2014).

Na exploração destas diferenças, identificaram-se fatores que influenciam o declínio da satisfação conjugal nos casais com filhos: conflito conjugal; dificuldades em encontrar soluções construtivas; menor cooperação na relação de coparentalidade; diminuição do tempo dedicado a atividades focadas no casal - negligência da identidade conjunta de ‘casal’ (Ece et al., 2023; Feinberg, 2002; Trillingsgaard, 2014; Young, et al. 2017; Welch et al., 2019).

Relação Coparental

Neste período de transição para a parentalidade, surge uma nova dinâmica no casal que envolve questões relacionadas aos comportamentos de gestão dos cuidados do filho. A relação de coparentalidade é distinta de qualquer outra relação do casal, na medida em que os indivíduos devem trabalhar em conjunto no desempenho dos seus papéis parentais. Surgindo uma identidade conjunta relacionada aos valores, objetivos e formas de desempenhar o papel parental, uma vez que os comportamentos e tarefas têm de ser coordenadas no casal e coerente entre os atores (Young, et al., 2017). Essa nova dinâmica é moldada ainda antes do nascimento da criança, evidenciando-se a criação de representações mentais da forma em que o casal executará esta relação e lidará com os desafios da nova fase de vida (Boričević et al., 2013).

Feinberg (2003) desenvolveu um modelo onde dividiu as dimensões da coparentalidade em quatro: *Apoio vs. falta de apoio, divisão de tarefas, concordância (ou discordância) em aspetos relativos à criança e gestão conjunta das interações familiares*. A dimensão do *apoio*

vs. falta de apoio diz respeito ao reconhecimento da competência ao parceiro, respeitar os contributos do outro e defender mutuamente as decisões e autoridade do outro. Por seu lado, a dimensão da *divisão de tarefas*, compreende o modo como o casal divide os cuidados da criança e da casa de forma equitativa, e a percepção de cada indivíduo sobre esta divisão. A *concordância (ou discordância) de aspetos relacionados à criança*, é definida por Feinberg (2003) como a dimensão que abrange uma grande variedade de questões sobre a criança, como os princípios educacionais, morais, valores, disciplina, segurança, entre outros, e a coerência nestes temas no casal. Por fim, *a gestão conjunta das interações familiares*, diz respeito ao conflito, coligação e equilíbrio entre os membros do casal, mais especificamente à exposição destas interações à criança.

Ainda a literatura suporta que, embora seja uma dinâmica independente à relação conjugal onde se gerem temáticas e conflitos diferentes, estas duas relações influenciam-se mutuamente (Lamela et al., 2020; Vieira & Matos, 2011). Portanto, possuindo estas relações os mesmos atores, afetam e são afetadas pela qualidade de ambas, sendo que quando existe insatisfação e/ou conflitos na relação conjugal ou coparental, esta experiência pode causar o efeito de *spillover* afetando, consequentemente, a outra relação. O *spillover* diz respeito a comportamentos e afetos (positivos ou negativos) que são transferidos de uma relação a outra, e, no caso das famílias, pode acontecer no sentido da relação conjugal para a relação parental e coparental (Vieira & Matos, 2011). Devido à sobreposição destes dois tipos de relações, e pelo momento de crise que o casal vivencia, pode haver alguma dificuldade na criação de uma relação de coparentalidade de boa qualidade. Também, como os novos pais passam pela necessidade de adquirir novos papéis e, simultaneamente, as responsabilidades associadas aos mesmos, surgem dificuldades na separação da relação coparental e conjugal.

Ao longo da transição para a parentalidade, verificam-se alguns fatores que podem influenciar esta experiência, como as expectativas criadas prévias ao nascimento do filho (Lawrence et al., 2008). De facto, estas expectativas cumprem um papel importante no desenvolvimento da relação coparental e, quando estas são positivas antes da transição para a parentalidade, tende a haver uma maior associação com uma boa adaptação à mudança e maiores níveis de satisfação conjugal. No entanto, há um maior impacto quando estas não são cumpridas, surgindo uma maior frequência de conflito interparental, e maior insatisfação coparental e conjugal (Riggs et al., 2018). Autores têm verificado que, no que diz respeito à dimensão conjugal e coparental do casal, há uma consistência na associação positiva entre satisfação conjugal e modelos eficazes de coparentalidade. Neste sentido, casais que possuem sentimentos positivos entre si na relação conjugal, tendem a apoiar-se mais e a trabalhar melhor

na relação coparental (Pedro et al., 2012). Pelo contrário, um relacionamento afetivo negativo limita a possibilidade de se criar uma relação apoiante de coparentalidade.

O Papel da Vinculação na Transição para a Parentalidade

Sendo a transição para a parentalidade uma fase nova para o casal e que coloca diversos desafios à díade, surgem comportamentos característicos de cada pessoa que, muitas vezes, refletem o tipo de vinculação que possuem e a forma em que se relacionam com o par. A Teoria da Vinculação desenvolvida por Bowlby e Ainsworth (1969/1982) propõe que as interações iniciais com os cuidadores principais na infância influenciam a forma como o indivíduo interpreta o mundo interno e externo e, ainda, a forma como estabelece relações interpessoais ao longo da vida (Matos & Costa, 1996). Enquanto o desenvolvimento da pessoa continua e este se afasta da infância, a figura de vinculação distancia-se dos pais e passa a pares significativos (Obegi & Berant, 2009), sendo esta nova figura percebida como capaz de fornecer apoio e segurança em momentos de stress e necessidade. Nos estudos iniciais da teoria da vinculação, foram desenvolvidas categorias que refletem os padrões de vinculação das crianças com base nas respostas a diferentes situações, resultantes das reações da figura principal perante os seus pedidos de ajuda (Mikulincer e Shaver, 2003). As respostas que traduzem os tipos de vinculação formam parte do que se conhece como *Sistema Comportamental de Vinculação*; nos adultos esta proximidade não é necessariamente atingida através de comportamentos, mas sim pela ativação da representação mental da figura de vinculação.

Relacionado à componente cognitiva do sistema comportamental de vinculação, Bowlby introduz o conceito dos *Modelos Internos Dinâmicos*, os quais são representações internas criadas a partir das interações da criança com a figura de vinculação (Matos & Costa, 1996). Com base nas relações principais da infância, considerando a responsividade e apoio da figura de vinculação às tentativas de conforto da criança, surgem crenças sobre como os outros responderão às suas necessidades e sobre quão merecedor a pessoa é de tais respostas (Paley, 2005).

Assim, quando a figura de vinculação é responsiva, consistente e sensível aos pedidos, desenvolver-se-ão modelos seguros de vinculação, interpretando aos outros como apoiantes e ao próprio como merecedor desse apoio. Por outro lado, os modelos inseguros surgem de inconsistências nos comportamentos de vinculação das figuras principais na infância, olhando

para o outro como não responsivo, e ao próprio como não merecedor de apoio (Hazan & Shaver, 1994, citado em Matos & Costa, 1996).

Na investigação sobre o papel da vinculação nos adultos, surge uma descentralização do foco nos aspetos observáveis e externos do comportamento, passando-se à análise das representações internas que se criam da vinculação. Isto é, há um maior foco na exploração dos modelos internos dinâmicos e na forma em que estes funcionam como grelhas de leitura da realidade ao longo da vida (Matos & Costa, 1996), sendo que estes dependerão do estilo de vinculação desenvolvido durante a infância na relação criança-cuidador. Estes estilos de vinculação identificados na infância são quatro: seguro, evitante, ansioso e desorganizado/ambivalente (Ainsworth et al., 1978, citado em Simpson & Jaeger, 2022; Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Contudo, para a sua investigação, o construto da vinculação foi operacionalizado num continuum com dois extremos opostos, onde um extremo diz respeito à dimensão da vinculação ansiosa e o outro à dimensão da vinculação evitante (Bartholomew, 1990). Com base nesta operacionalização, as pessoas com vinculação segura apresentariam níveis baixos de ansiedade e de evitamento; a vinculação ansiosa surge com níveis elevados de ansiedade e baixos de evitamento; na evitante manifestam-se níveis baixos de ansiedade e elevados de evitamento; e, por fim, as pessoas com níveis elevados de evitamento e ansiedade apresentam um estilo ambivalente de vinculação (Pittman et al., 2011).

Considerando o pressuposto base da teoria da vinculação, pode-se dizer que cada variante de padrão de vinculação, demonstra implicações no comportamento e na regulação de afeto em contextos significativos de dinâmicas de interação social (Pittman et al., 2011). Os padrões de vinculação são ativados em momentos de stress, sendo que nos jovens adultos estes momentos dizem respeito a períodos de transição representativos da vida adulta. Como exposto acima, diversos estudos têm demonstrado os efeitos negativos que a transição para a parentalidade tem no casal – a nível do funcionamento conjugal e da sua qualidade, e na individualidade dos seus membros – no bem estar emocional e na satisfação sentida pela relação com o cônjuge. Este impacto é influenciado por várias características individuais e diádicas, sendo as identificadas como mais relevantes: a qualidade da relação conjugal e a vinculação romântica dos membros do casal (Ece et al., 2023; Trillingsgaard, 2014).

Assim, foram identificados os efeitos que os estilos de vinculação têm nas pessoas, e na forma como gerem as mudanças no sistema familiar. Reporta-se na literatura que indivíduos com vinculação segura demonstram melhores capacidades de lidar com situações de stress; ainda, no contexto relacional, estes indivíduos demonstram comportamentos mais coesos,

harmoniosos e cooperativos na relação coparental (Calvo & Bianco, 2015; Mikulincer et al., 2002; Young, Riggs & Kaminski, 2017). Considerando que estas pessoas possuem boas capacidades de regulação de afetos, comportamentos positivos de resolução de problemas e na forma em que lidam com situações stressantes, são verificados níveis elevados e estáveis de satisfação conjugal ao longo da transição para a parentalidade (Bouchard, 2014).

Por outro lado, os indivíduos com vinculação ansiosa, são caracterizados por uma sensibilidade à rejeição e medo do abandono, desempenhando, então, comportamentos de maior dependência e dificultando uma interação harmoniosa com o parceiro (Pepping et al., 2012; Young et al., 2017). Já no que diz respeito às capacidades de gerir a mudança, perante uma situação de stress, estas são mais hostis e defensivas no relacionamento com o parceiro, surgindo uma maior frequência de conflitos e, por conseguinte, influenciando a satisfação conjugal e a adaptabilidade à mudança (Pepping & Halford, 2012; Young, et al., 2017). Estas dificuldades estão associadas aos baixos níveis de regulação dos afetos e de controlo emocional que estas pessoas apresentam (Calvo & Bianco, 2015).

As pessoas com padrão de vinculação evitante são caracterizadas por desconforto com a intimidade e distanciamento emocional e, no contexto de casal, comportamentos de retirada durante conflito (Bartholomew, 1990; Young et al., 2017). Na relação de coparentalidade, demonstram uma menor perceção de apoio, maior frequência de conflitos e maiores desacordos nos temas relacionados com a criança (Pepping & Halford, 2012; Pinto & Figueiredo, 2019; Rholes et al., 2001), condicionando a satisfação conjugal destes indivíduos.

Sumariando, as pessoas com vinculação segura, perante o período de grande stress da transição para a parentalidade, parecem desenvolver mecanismos mais adaptativos e estabelecem uma relação coparental de maior qualidade, assim como apresentar níveis mais elevados de satisfação conjugal. Já os indivíduos com vinculação insegura desempenham comportamentos desadaptativos, surgindo mecanismos comportamentais mais negativos na coparentalidade e reportando também menor satisfação conjugal.

Por fim, verifica-se que a vinculação romântica tem um efeito direto na qualidade da relação conjugal e coparental, devido aos comportamentos consequentes dos diferentes padrões de vinculação no envolvimento e interação com o outro. Estudos desenvolvidos por Rholes e colaboradores (2001), demonstram que os padrões de vinculação predizem a forma em que as pessoas procuram apoio social como forma de gerir situações de stress.

O presente estudo

A satisfação conjugal é um construto frequentemente estudado na transição para a parentalidade, sendo reportada uma evidente diminuição da mesma após o nascimento do primeiro filho (Trillingsgaard, 2014). Contudo, como anteriormente referido, a qualidade da relação coparental e a vinculação romântica são aspetos que podem afetar o modo como esta transição ocorre.

Posto isto, no presente estudo, avaliar-se-á o comportamento do construto da satisfação conjugal durante o processo da transição para a parentalidade. Explorar-se-á, posteriormente, o efeito moderador da vinculação romântica e da qualidade da relação coparental nas mudanças evidenciadas na satisfação conjugal, antes e depois da chegada do primeiro filho.

A questão de investigação norteadora do estudo é então «De que forma a vinculação romântica e a qualidade da relação coparental moderam a diminuição da satisfação conjugal do casal ao longo da transição para a parentalidade?»; tendo-se desenvolvido as seguintes hipóteses: (H1) Espera-se uma diminuição da satisfação conjugal na transição para a parentalidade; (H2) Espera-se que a diminuição da satisfação conjugal na transição para a parentalidade seja mais acentuada nos indivíduos com vinculação insegura (mais ansiosa e/ou mais evitante); (H3) Espera-se que a diminuição da satisfação conjugal seja mais acentuada nos indivíduos cujo parceiro tenha uma vinculação insegura (mais ansiosa e/ou mais evitante); (H4) Espera-se que a diminuição da satisfação conjugal na transição para a parentalidade seja mais acentuada nos indivíduos que percecionam a qualidade relação coparental como negativa.

Método

Procedimento de Recolha de Dados

O presente estudo formou parte do projeto ADAPT - Pais em equipa que, por sua vez, se encontrava inserido no estudo internacional “*CopaGloba - Learning to coparent, a longitudinal study on construction of coparenting in transition to parenthood*”. O projeto foi desenvolvido em colaboração com universidades na Finlândia, Japão e Portugal e financiado pela *Academy of Finland*. Este teve como objetivo estudar o estabelecimento da relação coparental ao longo da transição para a parentalidade, usando uma metodologia longitudinal qualitativa e quantitativa. Implicando, para a recolha de dados, a realização de entrevistas e a aplicação de um questionário, no decorrer de dois momentos: o primeiro sendo durante a

gravidez do primeiro filho (M1) e o segundo um ano e meio após o nascimento da criança (M2). No presente estudo foram utilizados somente os dados quantitativos da amostra portuguesa. Considerou-se como critérios de inclusão dos participantes: (a) ter idade superior a 18 anos; (b) estar à espera do primeiro filho; (c) ter ultrapassado as 20 semanas de gestação. Os indivíduos que participaram no questionário durante a gravidez, foram contactados para participar na segunda parte do estudo, após o nascimento do filho.

Para a população portuguesa foi elaborado um questionário através do Software LimeSurvey (Limesurvey GmbH), com a recolha de dados do primeiro momento ocorrendo entre os meses de setembro de 2020 e dezembro de 2021, e do segundo momento entre maio de 2022 e janeiro de 2023. O processo de recolha de dados seguiu uma amostragem por conveniência e bola de neve. A divulgação do questionário foi feita através das redes sociais, e de folhetos distribuídos em locais de saúde e em diversos estabelecimentos de cuidados infantis. Como incentivo para a participação no estudo, foi sorteado voucher de 250€ nos casais que participaram no M1. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Ref. 2020/02-04).

Caraterização da Amostra

Dado o cariz longitudinal e diádico deste estudo, a amostra a utilizar implicava a participação dos dois elementos do casal nos dois momentos de recolha de dados, resultando numa amostra composta por 134 participantes correspondentes a 67 díades heterossexuais. No estudo global esta amostra é mais alargada já que compreendeu para além de participantes em díades, participantes singulares.

Os participantes encontram-se entre os 20 e 49 anos de idade ($M=31.1$, $DP=4.45$) e 70% dos participantes possuíam nível superior de escolaridade (licenciatura, mestrado e doutoramento). No primeiro momento de recolha de dados, aproximadamente 50% das díades encontravam-se casadas e a média de duração da relação era de 7.68 anos ($SD= 4.67$). A grande maioria das gravidezes foram planeadas (82.3%) e encontravam-se em média com 31.7 ($SD= 4.23$) semanas de gestação.

Tabela 1*Características sociodemográficas da amostra no momento 1 da recolha de dados.*

		Amostra (n=134)
		%
Idade		
	18 - 25	10.5
	26 - 30	36.9
	31 - 35	39.1
	36 - 49	13.5
Escolaridade		
	9º ano	2.3
	12º ano	19.5
	Formação pós secundário não superior	8.3
	Licenciatura	35.3
	Mestrado	33.1
	Doutoramento	1.5
Rendimento mensal		
	Abaixo dos 1200€	26.1
	1200€ a 1800€	26.9
	1800€ a 2400€	26.1
	2400€ a 3000€	13.4
	3000€ a 4200€	5.3
	Acima de 4200€	2.2
Estado Civil		
	Casado/a	48.9
	União de facto	27
	Coabitação	13.6
	Solteiro/a	9.7
	Divorciado/a ou separado/a	0.8

Instrumentos

O questionário no M1 e M2, estava constituído por múltiplas secções, associadas ao objetivo do projeto – transição para a parentalidade. No âmbito deste estudo, destacam-se as secções relativas ao perfil sociodemográfico dos participantes (e.g. sexo, idade, escolaridade, situação profissional, estado civil, duração da relação, duração de coabitação); secção relativa à experiência de coparentalidade e a secção relativa à experiência de conjugalidade

Quality of Marriage Index

Foi utilizada a *Quality of Marriage Index* (QMI; Norton, 1983; tradução para português de Matias & Ferreira, 2019) para avaliar a satisfação conjugal dos participantes nos dois momentos - antes e depois do nascimento do primeiro filho. Este instrumento consiste em 6 itens que exploram a satisfação conjugal na sua totalidade, os primeiros 5 itens são cotados numa escala de likert de 7 pontos e o último com cotação de 1 a 10. Quanto maior a pontuação da escala, maior a satisfação conjugal percebida. No que diz respeito à consistência interna da escala, no M1 o $\alpha=.92$ e no M2 o $\alpha=.97$, demonstrando uma elevada consistência entre os itens da escala total (Cronbach, 1951).

Dado que o objetivo do estudo é o de clarificar os efeitos sobre a alteração dos níveis de satisfação conjugal, a variável dependente corresponde não ao valor absoluto da satisfação em cada momento, mas ao diferencial entre o M1 e o M2 ($QMI_{total}=QMI_{m2} - QMI_{m1}$), desta forma um score positivo representa um aumento na satisfação conjugal, um score negativo representa uma diminuição e o valor de zero representa ausência de alteração.

Experiences in Close Relationship Scale

A vinculação romântica das díades participantes no estudo, foi explorada só no M1 através da aplicação do *Experiences in Close Relationship Scale – Short Version* (ECR-S; Wei et al., 2007; versão portuguesa de Oliveira & Costa, 2007). Nesta escala, e de acordo com a literatura na área da vinculação romântica, os autores operacionalizam os estilos de vinculação num continuum de polos opostos - ansiedade e evitamento. A ECR é composta por 9 itens cotados numa escala de likert de 7 pontos de concordância e, divididos em duas subescalas: ansiedade (e.g. “Preocupo-me que o meu companheiro não goste tanto de mim quanto eu gosto dele”); evitamento (e.g. “Não me sinto confortável para desabafar/abrir-me com o meu

companheiro”). Desta forma, surgindo valores elevados na subescala da ansiedade e baixos na escala de evitamento, a pessoa apresenta um padrão de vinculação ansioso. Pelo contrário, quando os níveis na subescala de ansiedade são baixos e elevados no evitamento, apresenta-se um padrão de vinculação evitante. Por fim, níveis baixos em ambas as escalas, representam um padrão seguro de vinculação.

Verificou-se uma boa consistência interna entre os itens da subescala de ansiedade ($\alpha=.80$) e uma boa consistência, embora ligeiramente mais baixa, na subescala de evitamento ($\alpha=.78$) (Cronbach, 1951).

Coparenting Relationship Scale

Com o objetivo de avaliar a qualidade da relação coparental dentro do casal, foi aplicado o *Coparenting Relationship Scale* (CRS). A forma original do instrumento está composta por 35 itens, que se encontram divididos em sete subescalas (Feinberg, 2012). No segundo momento do estudo, na fase posterior ao nascimento do filho, foi aplicada uma versão reduzida da escala desenvolvida por Feinberg e colaboradores (2012), e adaptada à população portuguesa por Carvalho e colaboradores (2018). Esta versão do instrumento divide os seus itens em subescalas referentes às dimensões do modelo de Feinberg (2012) – Apoio vs. falta de apoio do companheiro, divisão de tarefas coparentais, concordância (ou discordância) em aspetos relativos à criança, e gestão conjunta das interações familiares. Está constituída por 14 itens - com dois itens de cada subescala da versão original (e.g., “*O meu companheiro e eu temos ideias diferentes sobre como criar nosso/a filho/a*”), avaliados numa escala de likert que varia de 1 (nada verdadeiro) a 6 (muito verdadeiro).

No contexto deste estudo, foram apenas utilizados os dados referentes ao M2, havendo uma boa consistência interna entre os itens da escala total ($\alpha=.83$) (Cronbach, 1951).

Procedimento de Análise de Dados

Foi utilizado o software IBM SPSS (versão 29) para as análises preliminares dos dados. De destacar que devido a limitações no tamanho da nossa amostra, foram incluídos participantes que não responderam o questionário no momento 2, optando-se por uma imputação de dados. Assim, foi realizada uma análise dos dados omissos nalgumas das escalas aplicadas através do teste de Little (1988), como forma de analisar a distribuição das omissões. No que diz respeito à escala de avaliação da coparentalidade (CRS), o teste revelou-se como

não significativo, $\chi^2(43) = 24.78$, $p = .99$, podendo assumir-se uma distribuição dos dados omissos completamente aleatória. Relativamente às escalas da satisfação conjugal no segundo momento (QMIm2), também houve uma distribuição completamente aleatória dos casos omissos, $\chi^2(28) = 18.02$, $p = .93$. Verificou-se a não existência de dados omissos nas escalas aplicadas no momento 1. Já no momento 2, onde estes surgem, há cerca de 50% de omissões. Desta forma procedeu-se à imputação destes dados pelo procedimento da *Expectation Maximization*.

Adicionalmente, como complemento à análise das omissões, foi feita uma comparação entre os grupos de participantes da nossa amostra que responderam ao questionário no momento 2 e os que não responderam. Nesta comparação, analisou-se o comportamento das dimensões da escala de vinculação e da escala de satisfação conjugal antes do nascimento da criança, não se demonstrando diferenças significativas da satisfação conjugal entre estes grupos no momento 1 ($t(133) = 1.64$, $p = .05$, $d = .28$), nem do evitamento ($t(133) = .34$, $p = .36$, $d = .06$). Contudo, verificaram-se diferenças significativas apenas na dimensão da ansiedade, isto é, o grupo que não participou no momento 2 apresentou níveis mais elevados de ansiedade na escala de vinculação ($t(133) = -3.22$, $p < .001$, $d = -.55$).

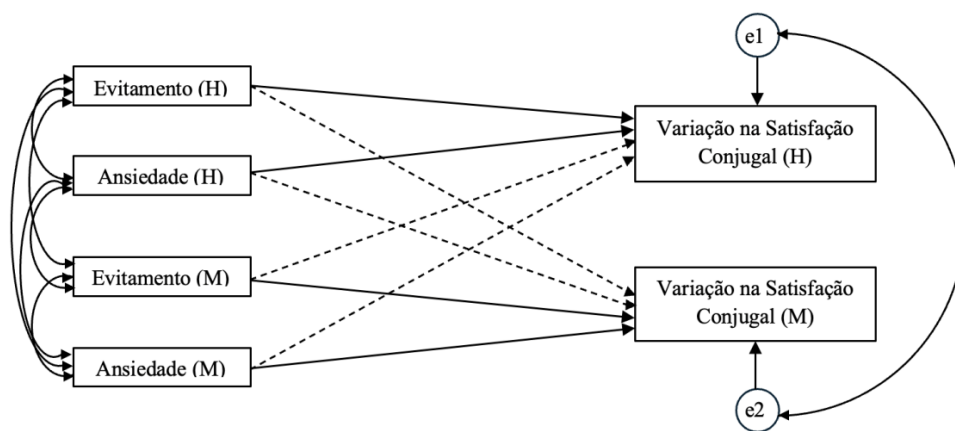
Após as análises de correlações e de comparação de médias utilizando o teste T para amostras emparelhadas, como forma de testar as hipóteses apresentadas foi aplicado o *Actor-Partner Interdependence Model (APIM)*, recorrendo ao software AMOS (versão 29). Este modelo permite a realização de uma análise diádica, considerando a interdependência entre os membros do casal (Kenny, Kashy & Cook, 2020). Desta forma, e tendo em conta a interdependência da díade, o APIM permite inferir que o posicionamento de um dos membros do casal fornece dados sobre o posicionamento do outro membro perante a mesma problemática (Cook & Kenny, 2005). Para a análise das hipóteses apresentadas e dado o tamanho da amostra ser limitado ($n = 67$ díades), optou-se pela testagem dos moderadores em separado, foram por isso criados dois modelos que avaliassem o efeito de cada uma das variáveis moderadoras, na satisfação conjugal ao longo da transição para a parentalidade - um primeiro modelo com a vinculação romântica como moderador, e um segundo modelo com a coparentalidade como moderador. Ainda, foi realizada uma comparação de modelos aninhados, para testar a invariância de género entre as trajetórias (efeito de ator e efeito de parceiro), i.e. a trajetória entre a coparentalidade do homem e a satisfação conjugal na transição para a parentalidade do homem e a coparentalidade da mulher e a satisfação conjugal na transição para a parentalidade da mulher (efeito ator) foram constritas à igualdade, tendo-se procedido de forma equivalente para as restantes trajetórias de ator. Da mesma forma, a

trajetória entre a coparentalidade do homem e a satisfação conjugal na transição para a parentalidade da mulher, e a trajetória entre a coparentalidade da mulher e a satisfação conjugal na transição para a parentalidade do homem (efeito de parceiro), foram constrangidas à igualdade, e assim com as restantes trajetórias de parceiro.

Os modelos criados para testar estas hipóteses encontram-se representados graficamente na figura 1 e 2, sendo de ressaltar que estas figuras incluem todas as trajetórias referidos, mais a comparação por modelos aninhados.

Figura 1.

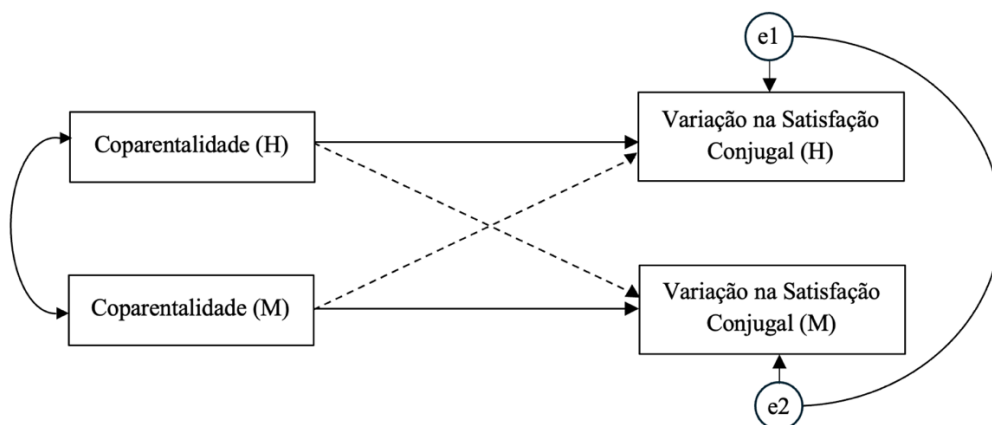
Representação gráfica do modelo com a vinculação romântica como moderadora



Nota: Os efeitos de ator estão representados por setas contínuas e os efeitos de parceiro estão representados por setas tracejadas.

Figura 2.

Representação gráfica do modelo com a coparentalidade como moderadora



Nota: Os efeitos de ator estão representados por setas contínuas e os efeitos de parceiro estão representados por setas tracejadas.

Resultados

As variáveis do estudo não demonstraram problemas na distribuição encontrando-se os valores dentro dos limites estabelecidos, isto é, valores inferiores a $|3|$ na assimetria (sk) e $|10|$ na curtose (ku) (Kline, 2016). Na análise da escala QMI as médias do momento 1 e 2 encontram-se acima de 4, mostrando uma boa satisfação conjugal (equivalente a um maior nível de concordância com os itens da escala associados a pontos positivos da relação conjugal). No que diz respeito à escala CRS, a média encontra-se acima do ponto de corte (3) demonstrando uma boa percepção da qualidade da relação coparental. A variável que corresponde ao diferencial entre a satisfação conjugal no M1 e no M2 apresenta também uma distribuição normal dentro dos limites anteriormente referidos, sendo o seu valor mínimo - 4.20 e o máximo 1.00. Dado que a média é negativa isso revela que existe em média uma diminuição da satisfação conjugal na transição para a parentalidade. Os valores referentes às estatísticas descritivas encontram-se reportados na tabela 2 e os referentes à comparação de sexos encontram-se na tabela 3.

Tabela 2.

Estatísticas Descritivas

	Momento 1				Momento 2			
	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>
Evitamento	1.53	0.70	1.39	1.46	-	-	-	-
Ansiedade	2.02	1.34	1.67	2.74	-	-	-	-
Coparentalidade	-	-	-	-	5.15	.43	-1.23	4.40
Satisfação Conjugal	6.62	.58	-1.41	.84	5.99	1.12	-1.37	1.53
	Momento 2 – Momento 1							
	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>				
Variação na Satisfação Conjugal	-63	.91	-1.39	2.07				

Tabela 3.

Diferenças de sexo nas estatísticas descritivas

	Homens		Mulheres		<i>t(g.l.)</i>	Efeito
	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>		
Evitamento	1.69	.74	1.38	.62	3.18(66)*	.39
Ansiedade	2.02	1.36	2.01	1.33	.08(66)	.01
Coparentalidade	2.02	1.36	2.01	1.33	.38(66)	.48

Satisfação Conjugal M1	5.16	.40	5.14	.59	-.04(66)	-.01
Satisfação Conjugal M2	5.99	1.06	5.98	1.19	.11(66)	-.01
Variação na Satisfação Conjugal	-.62	.91	-.64	.93	.45(66)	.02

Nota: * = $p < .01$

No que diz respeito às correlações entre as variáveis estudadas, surgiram padrões semelhantes nas correlações dos homens e das mulheres – correlações intrasujeitos ou correlações de ator (Tabela 4). Tanto nas mulheres como nos homens, a variável de mudança na satisfação conjugal apresenta correlações negativas com a ansiedade e positivas com a coparentalidade. Pela sua vez, a coparentalidade não se encontra associada com as restantes variáveis (ansiedade e evitamento). Já nas relações em que os homens e as mulheres diferem, na satisfação conjugal antes do nascimento da criança está correlacionada com a satisfação conjugal após o nascimento, a coparentalidade e a ansiedade, sendo esta última a única negativa. Ainda nesta variável, os homens apresentaram associações significativas com as restantes, com exceção a ansiedade e a variação na satisfação conjugal. Já na satisfação conjugal após o nascimento da criança, surgem associações com todas as variáveis em ambos os sexos, existindo relações negativas apenas com as dimensões da vinculação. Por fim, nos homens e nas mulheres surge uma correlação positiva entre a ansiedade e o evitamento, sendo esta mais forte nas mulheres. Adicionalmente, a tabela 5 relata as correlações intersujeitos – correlações de parceiro – onde os valores a negrito representam a interdependência dos dados. A satisfação conjugal dos homens antes da transição está positivamente relacionada com a coparentalidade e a satisfação conjugal após a transição dela, e negativamente com o evitamento da mulher. Já a satisfação conjugal da mulher no momento 1, encontra-se relacionada com todas as variáveis dele, exceto com a coparentalidade, surgindo apenas um efeito positivo na satisfação conjugal após a transição para a parentalidade. No segundo momento da satisfação conjugal do homem, surgem associações em todas as variáveis dela, menos na ansiedade, apenas verificando-se negativa no evitamento. No que diz respeito à perspectiva da mulher, a satisfação conjugal no momento dois só não tem associação com as dimensões da vinculação. A variação na satisfação conjugal do homem não apresenta correlações com as outras variáveis. Evidenciando-se um padrão semelhante na variação na satisfação conjugal da mulher, com a exceção de uma correlação moderada positiva na coparentalidade do homem – sendo esta a única relação da coparentalidade dele com as variáveis dela. Em relação à coparentalidade da mulher, também não se verificam associações com nenhuma das variáveis do homem. O evitamento do homem não se encontra relacionado

com as variáveis da mulher. Pela sua vez, o evitamento da mulher só demonstra uma correlação positiva com a ansiedade do homem. Por fim, no que diz respeito às variáveis interdependentes, estas demonstram correlações fortes e positivas entre si.

Tabela 4.

Correlações de Pearson intrasujeitos entre as variáveis em estudo (correlações de ator)

	Satisfação Conjugal M1	Satisfação Conjugal M2	Variação na Satisfação Conjugal	Coparentalidade	Evitamento	Ansiedade
Satisfação Conjugal M1	-	.52**	-.04	.13**	-.65**	-.22
Satisfação Conjugal M2	.63**	-	.84**	.47**	-.45**	-.40**
Variação na Satisfação Conjugal	.17	-.87**	-	.47**	-.11	-.33
Coparentalidade	.37**	.61**	.54**	-	-.06	-.15
Evitamento	-.60	-.45**	-.20	-.22	-	.31*
Ansiedade	-.40**	-.48**	-.35**	-.20	.47**	-

Nota: Os valores abaixo da diagonal dizem respeito aos coeficientes das mulheres e os valores acima aos dos homens.
* = $p < .05$. ** = $p < .01$.

Tabela 5.

Correlações de Pearson intersujeitos (correlações de parceiro)

	Satisfação Conjugal M1 (H)	Satisfação Conjugal M2 (H)	Variação na Satisfação Conjugal (H)	Coparentalidade (H)	Evitamento (H)	Ansiedade (H)
Satisfação Conjugal M1 (M)	.53**	.50**	-.25*	.19	-.31*	-.31*
Satisfação Conjugal M2 (M)	.29**	.48**	.38**	.33**	-.08	-.21
Variação na Satisfação Conjugal (M)	.04	.29*	.32**	.31*	.10	-.07
Coparentalidade (M)	.28*	.29*	.16	.39**	-.03	-.09
Evitamento (M)	-.44**	-.43**	-.23	-.18	.36**	.35**
Ansiedade (M)	-.23	-.17	-.05	-.09	.04	.32**

Nota: Os valores a negrito dizem respeito às correlações entre as mesmas variáveis dos homens e das mulheres (interdependência). * = $p < .05$. ** = $p < .01$.

Para testar a primeira hipótese, foi realizado um Teste T para amostras emparelhadas (Tabela 6) como forma de analisar as mudanças ocorridas na satisfação conjugal no decorrer da transição para a parentalidade. Desta forma, foram encontradas diferenças significativas nesta variável na amostra total como nos membros dos casais (homens e mulheres). Evidencia-se um declínio na satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho, $t(133) = 7.95, p < .001, d = .69$. Já os homens e as mulheres na sua experiência individual, apresentam igualmente uma diminuição da satisfação conjugal nesta transição (Homens: $t(66) = 5.60, p < .001, d = .68$; Mulheres: $t(66) = 5.61, p < .001, d = .69$).

Tabela 6.

Médias, desvios-padrões, intervalos de variação e análises diferenciais em função do tempo

	<i>M</i>		<i>DP</i>		95% IC	<i>t</i>	<i>p</i>
	M1	M2	M1	M2			
Total	6.62	5.99	.58	1.12	[.48; .78]	7.95	< .001
Homens	6.61	5.99	.58	1.06	[-.14; .14]	5.60	< .001
Mulheres	6.62	5.98	.59	1.19	[.41; .86]	5.61	< .001

Com o objetivo de testar hipóteses associadas ao APIM foram aplicados os modelos referidos na figura 1. Sendo este um modelo saturado e, como referido anteriormente, de forma de o simplificar testou-se a invariância de género nas trajetórias equivalentes de efeitos ator e parceiro, comparando-se o modelo com restrições com o modelo com todas as estimativas livres. Assim, verificou-se que o modelo com restrições nas trajetórias de ator e parceiro não diferia significativamente do modelo livre [$\Delta \chi^2(4) = 2.98, p = .562$]. Desta forma assume-se como modelo final o modelo com estas restrições, sendo que este evidencia um bom ajustamento [$\chi^2(21) = .000, p = .001, \chi^2/df = 3.94, CFI = 1.00, RMSEA = .000$].

No modelo, só surgiram como significativos os efeitos de ator, não se verificando efeitos de parceiro em nenhum dos grupos – homens e mulheres (tabela 7). Apenas se verificou a existência de um efeito significativo negativo, sendo este entre a ansiedade e a satisfação conjugal total do próprio. Desta forma, verifica-se que quanto mais ansioso seja o estilo de vinculação, maior será o declínio da satisfação conjugal durante a transição para a parentalidade; não se verificando este efeito para os níveis de evitamento.

Tabela 7.

Estimativas dos efeitos não estandardizados do modelo da vinculação romântica como moderador

Efeito	Estimativa	EP	β	p
Evitamento (H) → Variação na Satisfação Conjugal (H) ^a	.05	.16	.05	.685
Evitamento (M) → Variação na Satisfação Conjugal (M) ^a	- .11	.21	- .11	.447
Ansiedade (H) → Variação na Satisfação Conjugal (H) ^a	- .32	.09	- .32	.012
Ansiedade (M) → Variação na Satisfação Conjugal (M) ^a	- .31	.09	- .31	.019
Evitamento (H) → Variação na Satisfação Conjugal (M) ^b	.14	.16	.14	.267
Evitamento (M) → Variação na Satisfação Conjugal (H) ^b	- .20	.21	- .20	.162
Ansiedade (H) → Variação na Satisfação Conjugal (M) ^b	.02	.09	.02	.866
Ansiedade (M) → Variação na Satisfação Conjugal (H) ^b	.14	.09	.14	.295

Nota: ^a = efeito de ator; ^b = efeito de parceiro

Já no modelo com a coparentalidade como variável moderadora (Tabela 8), verificou-se que o modelo com restrições nas trajetórias de ator e parceiro não diferia significativamente do modelo livre [$\Delta \chi^2 (2) = .87, p = .647$]. Deste modo no modelo final as trajetórias de ator e parceiro constritas à igualdade foram testadas demonstrando um bom ajustamento [$\chi^2(8) = .87, p = .647, \chi^2/df = .435, CFI = 1.00, RMSEA = .000$]. Assim, foram encontradas trajetórias significativas e positivas sendo que quando há melhor qualidade na relação coparental na transição a parentalidade, há também menor declínio na sua própria satisfação conjugal. Também aqui não foram evidentes efeitos de parceiro, isto é, a percepção de coparentalidade por parte de um elemento da díade não se relacionou com a variação na satisfação conjugal sentida pelo outro elemento. Ainda que este efeito não fizesse parte das nossas hipóteses foi testado no sentido de uma análise completa das relações do modelo.

Tabela 8.

Estimativas dos efeitos não estandardizados do modelo da coparentalidade como moderador

Efeito	Estimativa	EP	β	p
Coparentalidade (H) → Variação na Satisfação Conjugal (H) ^a	1.06	.27	.47	<.001
Coparentalidade (M) → Variação na Satisfação Conjugal (M) ^a	1.00	.23	.50	<.001
Coparentalidade (H) → Variação na Satisfação Conjugal (M) ^b	.26	.26	.11	.31
Coparentalidade (M) → Variação na Satisfação Conjugal (H) ^b	- .05	.23	.50	.84

Nota: ^a = efeito de ator; ^b = efeito de parceiro.

Discussão

A experiência da transição para a parentalidade é um fenómeno multicultural e multidimensional, tendo impacto na dinâmica do casal e nos seus membros. Diversos estudos têm procurado explorar os fatores envolvidos nesta experiência, e avaliar o grau de impacto que tem no casal. No âmbito deste estudo, procurou-se compreender as mudanças que ocorrem na satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho, analisando também a influência que a vinculação romântica e a qualidade da relação coparental têm nesta transição.

Como estabelecido nas hipóteses, e apoiado pela literatura, os resultados indicam um declínio na satisfação conjugal por parte de ambos os elementos do casal após o nascimento do primeiro filho. Embora vários estudos tenham apontado para os possíveis fatores envolvidos nesta diminuição, as dificuldades associadas à aquisição de um novo papel parecem estar em evidência. Efetivamente, a transição para a parentalidade é vista como uma ‘crise familiar’ (Lawrence, 2008) pela necessidade de adaptação ao novo papel, onde são adquiridos comportamentos que desestabilizam o sistema, tendo de se investir mais recursos individuais no papel de ‘pai/mãe’, resultando numa escassez de recursos para o papel de ‘casal’. É de realçar que, embora tenha surgido uma diminuição na satisfação conjugal, os participantes reportam valores acima do ponto de corte da escala, demonstrando uma boa satisfação conjugal quer antes quer depois do nascimento do filho. Frequentemente, níveis elevados de satisfação conjugal previamente ao nascimento do filho, pode ser preditor relevante para a manutenção destes níveis elevados de satisfação conjugal durante a transição para a parentalidade (Lawrence, 2008; Kluwer, 2010; Riggs et al., 2018). Ainda, tem-se demonstrado o surgimento deste declínio nos primeiros meses de vida do bebé, havendo um aumento progressivo da insatisfação no decorrer do tempo. Shapiro e colaboradores em 2000, identificaram a ocorrência deste declínio gradual como um fenómeno continuo ao longo dos primeiros 6 anos de vida do filho, sendo que Doss e colaboradores em 2009 verificaram o mesmo padrão, constatando-se o início do declínio 1 ano após o nascimento – não imediatamente após o parto. Estes dados suportam a variação reportada durante a transição, sendo expectável que estes valores aumentem na sua discrepância – no antes e depois do parto – quanto maior for o espaço temporal entre os momentos. Adicionalmente, existe uma tendência de as mulheres apresentarem níveis mais elevados de insatisfação conjugal em comparação aos homens (Kohn et al., 2012), encontrando-se elas mais suscetíveis ao impacto negativo da transição (Belsky & Pensky, 1988; Rholes et al., 2001). Contudo, esta propensão não se verificou no nosso estudo, não surgindo diferenças estatisticamente significativas na variação da satisfação conjugal entre

homens e mulheres (tabela 3). Também, como reportado na tabela, não se verificaram diferenças de género estatisticamente significativas entre os valores da satisfação conjugal nem antes nem depois da transição para a parentalidade.

O segundo conjunto de resultados diz respeito ao efeito de ator entre a vinculação insegura e o declínio da satisfação conjugal que confirmou parcialmente a nossa segunda hipótese. Investigações como a de Paley e colaboradores (2007), Kohn e colaboradores (2012), e Pepping e Halford (2012), reportam um declínio mais acentuado da satisfação conjugal em pessoas com vinculação insegura. No presente estudo, esta tendência foi verificada apenas nas pessoas cujo estilo de vinculação se enquadrava no ansioso. De facto, estas pessoas tendem à procura ativa de maior apoio e proximidade com o cônjuge, mas considerando os constrangimentos associados à nova fase de vida familiar, o parceiro pode não dispor da mesma disponibilidade. Desta forma, estas pessoas tenderão a demonstrar uma maior insatisfação relacional no decorrer da transição para a parentalidade devido à perceção de ameaça pela indisponibilidade do parceiro (Kohn et al., 2012). Curiosamente este efeito foi idêntico quer para homens quer para mulheres. Tendencialmente, as mulheres apresentam níveis mais elevados de ansiedade do que os homens e, em momentos de stress, respondem com estratégias ansiosas associadas à procura ‘desesperada’ de proximidade em detrimento do bem estar próprio e do casal (Del Giudice, 2011). Efetivamente, a literatura também reporta que pessoas com vinculação evitante experienciam um declínio na satisfação conjugal no decorrer da transição, nomeadamente, por esta etapa poder representar um risco à sua independência e autonomia (Kohn et al., 2012; Young et al., 2017). Este padrão foi identificado por Kohn e colaboradores (2012), onde pessoas com vinculação evitante apresentaram uma diminuição mais marcante na satisfação relacional quando a exigência familiar era maior. Contudo, neste estudo não se verificaram efeitos de moderação nem no próprio (ator) nem no cônjuge (parceiro) em nenhum dos sexos, sendo assim um resultado inesperado. Isto pode dever-se ao facto de nesta amostra estes participantes não identificarem sobrexigências por parte da família e, portanto, manterem um bom equilíbrio nas suas áreas de vida, especialmente no balanço trabalho-família. Também, pode dever-se ao tamanho da amostra que, sendo reduzida, apresenta uma menor variabilidade nos estilos de vinculação condicionando o aparecimento de determinados efeitos. Recordando, ainda, que através na análise realizada dos casos omissos, comprovou-se que os participantes com maiores índices de ansiedade no momento 1, não continuaram no segundo momento do estudo como referido no procedimento de análise de dados.

Ainda relativamente ao efeito da vinculação, não surgem efeitos significativos de parceiro, nem relativamente à ansiedade nem ao evitamento. Como referido anteriormente, é de esperar que a vinculação do indivíduo impacte a experiência do seu parceiro, considerando que a vinculação funciona como uma grelha para o comportamento da pessoa nas suas relações interpessoais. Contudo, a literatura demonstra mais consistência nos efeitos de ator do que nos de parceiro, tanto para vinculação evitante como ansiosa. Estudos como o de Pepping e colaboradores (2012), demonstram a explícita existência de efeitos de ator da vinculação, no entanto, nas mulheres não houve influência de parceiro na satisfação dos homens. De facto, os efeitos de parceiro mostram-se mais consistentes como tendo impacto nas mulheres, mas raramente nos homens – indicando a possibilidade de haver um papel fundamental do sexo. No entanto, o nosso estudo não corrobora esta ideia. De salientar que fizemos neste estudo uma análise robusta dos efeitos de género, dado que procuramos testar a invariância entre trajetórias e não considerarmos somente os valores das estimativas.

É de realçar que autores na área da vinculação têm referido uma distribuição natural das pessoas do mesmo sexo em determinada dimensão de vinculação. Isto evidencia-se na metanálise realizada por Del Giudice (2011), baseada em 100 estudos, onde identificou uma maior tendência dos homens a apresentarem níveis superiores de evitamento e inferiores de ansiedade do que as mulheres. Ainda, nos estudos onde é utilizado o construto da vinculação, é reportada esta mesma distribuição (e.g. Kane et al., 2007; Young et al., 2017; Zhang & Li, 2021). Esta diferença entre os sexos verifica-se na nossa amostra, não sendo uma amostra clínica, a totalidade das pessoas demonstra baixos níveis de ansiedade e de evitamento, enquadrando-se na vinculação segura. Contudo, realizando uma análise em base ao sexo, observou-se que os homens apresentam níveis mais elevados de evitamento do que as mulheres, não surgindo diferenças entre os sexos em relação à ansiedade.

Por fim, e de acordo com a última hipótese, verifica-se um efeito moderador da coparentalidade nas mudanças da satisfação conjugal ao longo da transição. Ece e colaboradores (2023), estudaram o efeito da qualidade da relação coparental na satisfação conjugal, verificando que o desempenho de uma relação coparental de melhor qualidade demonstra níveis mais elevados de satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho. Verifica-se uma relação de retroalimentação entre o construto da relação coparental e a satisfação conjugal, havendo uma maior probabilidade de se envolver em comportamentos positivos de coparentalidade, quanto mais satisfeitos se sentirem na relação com o companheiro (Young et al., 2017; Lamela et al., 2020).

Implicações, limitações e estudos futuros

A experiência individual e diádica da transição para a parentalidade, é uma área extremadamente rica de exploração, sendo útil para a melhor adaptação de intervenções em novos pais. Esta fase de vida familiar é frequentemente uma fonte de desestabilização, mas com avanços no estudo do seu impacto, conseguir-se-á preparar melhor as pessoas para a transição. Grande parte dos estudos focam na adaptação do indivíduo à parentalidade, contudo, a investigação da adaptação conjunta do casal tem vindo a aumentar nos últimos tempos. Assim, a escolha de metodologia diádica e longitudinal é uma vertente inovadora destes estudos, permitindo a identificação da interdependência entre os membros do casal e os construtos estudados. Dada a importância das informações cá recolhidas, nomeadamente o foco intencional no casal, foi permitida uma análise das características protetoras de uma boa relação conjugal ao longo da transição. Atualmente, em Portugal está a emergir uma nova onda de investigações na área e, a nível prático, está a estudar-se a aplicação de intervenções especializadas para a transição para a parentalidade.

Os resultados cá reportados, suportam a ideia de que construtos como conjugalidade e coparentalidade são independentes, mas funcionam numa relação de reforço dinâmico. Possuindo, ainda, uma maior importância em fases de maior fragilidade do casal (e.g. transição para a parentalidade). A conhecida diminuição da satisfação conjugal devido às dificuldades na adaptação a novos papéis, levanta a importância de uma abordagem preventiva com os pais na preparação da transição para a parentalidade. Constata-se como importante um foco das intervenções prévias na construção de uma relação de conjugalidade satisfatória, assim como ferramentas para a gestão de comportamentos de coparentalidade positivos.

Apesar do estudo possuir características inovadoras para o contexto português como a análise diádica, metodologia longitudinal, e explorar o papel moderador da vinculação romântica e da coparentalidade, surgem algumas limitações a considerar. A primeira está associada ao tamanho da amostra que poderá ter condicionado o poder nas análises para o surgimento de determinados efeitos. Adicionalmente, o tamanho amostral conduziu-nos à realização de uma imputação dos dados, o que em si constitui uma limitação para a interpretação dos efeitos. Nomeadamente, os relacionados à dimensão da ansiedade devido a existirem diferenças significativas entre as pessoas que participaram apenas no primeiro e os que participaram em ambos os momentos, como referido no procedimento de recolha de dados. Contudo, a análise dos valores omissos e a própria comparação de grupos foram medidas implementadas para colmatar o viés na interpretação dos resultados. Desta forma, o próprio

procedimento de recolha, e a natureza do estudo, limitou a variabilidade sociodemográfica dos participantes, onde a maioria destes possuem um grau superior de escolaridade e um nível socioeconómico meio/meio-alto. Já a utilização da vinculação como variável moderadora foi uma abordagem apoiada na literatura existente, porém, sendo a amostra de população não clínica a maioria dos participantes possuem uma vinculação segura, podendo ofuscar o aparecimento de efeitos. Outra limitação, foi a utilização de instrumentos de autorrelato, os quais podem criar distorções nas respostas dos participantes, havendo influência da desajustabilidade social (Kohlsdorf & Costa Junior, 2009).

No nosso estudo, a aplicação da versão adaptada da escala CRS foi benéfica, na forma em que garantiu a exploração da relação de coparentalidade após o nascimento do filho, evitando a exaustão dos participantes pela sua brevidade. Optou-se pela utilização do *score* total da escala, contudo, para estudos futuros seria uma mais valia a aplicação da sua versão completa como forma de avaliar o comportamento de cada dimensão do construto no decorrer da transição. Isto aumentaria a literacia na área, permitindo a criação de intervenções mais específicas e possibilitando o foco em determinadas dimensões para a construção de uma melhor relação de coparentalidade.

As variáveis estudadas, nomeadamente a conjugalidade e a coparentalidade, têm uma característica que as diferencia do resto de relações do casal: serem relações independentes entre si, mas desempenhada pelos mesmos atores (os membros do casal). Embora a sua independência, esta característica faz com que a qualidade e comportamentos desempenhados na coparentalidade, tenham impacto na conjugalidade, e vice-versa (Vieira & Matos, 2011). Desta forma, em estudos futuros, seria benéfico o controlo do efeito de *spillover* para a análise mais isolada do efeito que cada relação do casal tem na transição para a parentalidade, trazendo novas informações sobre esta fase do ciclo familiar.

Referências

- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of Intimacy: An Attachment Perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147–178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Belsky, J., & Pensky, E. (1988). Marital change across the transition to parenthood. *Marriage & Family Review*, 12(3-4), 133-156. https://doi.org/10.1300/J002v12n03_08
- Berwick, D. M., Murphy, J. M., Goldman, P. A., Ware, J. E., Barsky, A. J., & Weinstein, M. C. (1991). Performance of a five-item mental health screening test. *Medical Care*, 29, 169-176. doi:10.1097/00005650-199102000-00008
- Boričević Maršanić, V., & Kušmić, E. (2013). Coparenting within the family system: Review of literature. *Collegium antropologicum*, 37(4), 1379-1384.
- Bouchard, G. (2014). The quality of the parenting alliance during the transition to parenthood. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 46(1), 20–28. <https://doi.org/10.1037/a0031259>
- Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brown, J. (1999). Bowen family systems theory and practice: Illustration and critique. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 20(2), 94-103.
- Calvo, V., & Bianco, F. (2015). Influence of adult attachment insecurities on parenting self-esteem: The mediating role of dyadic adjustment. *Frontiers in Psychology*, 6, 1–14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01461>
- Campbell, L., Simpson, J. A., Kashy, D. A., & Rholes, W. S. (2001). Attachment orientations, dependence, and behavior in a stressful situation: An application of the Actor-Partner Interdependence Model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(6), 821-843. <https://doi.org/10.1177/0265407501186005>
- Carvalho, T. R. D., Barham, E. J., Souza, C. D. D., Böing, E., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). Cross-cultural adaptation of an instrument to assess coparenting: Coparenting Relationship Scale. *Psico-USF*, 23(2), 215-227. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230203>

- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 810–832. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.4.810>
- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The actor–partner interdependence model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development*, 29(2), 101-109.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: Why they are needed and what they can do. *Family Relations*, 412-423. <https://doi.org/10.2307/584997>
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2000). *When partners become parents: The big life change for couples*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297–334. <https://doi.org/10.1007/BF02310555>
- Del Giudice, M. (2011). Sex differences in romantic attachment: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(2), 193-214. <https://doi.org/10.1177/0146167210392789>
- Dew, J., & Wilcox, W. B. (2011). If momma ain't happy: Explaining declines in marital satisfaction among new mothers. *Journal of marriage and family*, 73(1), 1-12. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00782.x>
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an 8-year prospective study. *Journal of personality and social psychology*, 96(3), 601. <https://doi.org/10.1037/a0013969>
- Ece, C., Gürmen, M. S., Acar, İ. H., & Buyukcan-Tetik, A. (2023). Examining the dyadic association between marital satisfaction and coparenting of parents with young children. *Current Psychology*, 43, 1473–1482. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-04363-0>
- Erdem, G., & Safi, O. A. (2018). The cultural lens approach to Bowen family systems theory: Contributions of family change theory. *Journal of Family Theory & Review*, 10(2), 469-483. <https://doi.org/10.1111/jftr.12258>

- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108–132. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>
- Favez, N., Tissot, H., Frascarolo, F., Stiefel, F., & Despland, J. N. (2016). Sense of Competence and Beliefs About Parental Roles in Mothers and Fathers as Predictors of Coparenting and Child Engagement in Mother–Father–Infant Triadic Interactions. *Infant and Child Development*, 25(4), 283–301. <https://doi.org/10.1002/icd.1934>
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the Transition to Parenthood: A Framework for Prevention. In *Clinical Child and Family Psychology Review* 5(3). <https://doi.org/10.1023/A:1019695015110>
- Feinberg, M. E. (2003). The Internal Structure and Ecological Context of Coparenting: A Framework for Research and Intervention. *Parenting*, 3(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting*, 12(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Fraley, R. C. & R. G. I. (2015). Early Attachment Experiences and Romantic Functioning. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Research: New Directions and Emerging Themes* (9–38).
- Haefner, J. (2014). An application of Bowen family systems theory. *Issues in mental health nursing*, 35(11), 835–841. <https://doi.org/10.3109/01612840.2014.921257>
- Holmes, E. K., Sasaki, T., & Hazen, N. L. (2013). Smooth versus rocky transitions to parenthood: Family systems in developmental context. *Family Relations*, 62(5), 824–837. <https://doi.org/10.1111/fare.12041>
- Kane, H. S., Jaremka, L. M., Guichard, A. C., Ford, M. B., Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2007). Feeling supported and feeling satisfied: How one partner's attachment style predicts the other partner's relationship experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(4), 535–555. <https://doi.org/10.1177/0265407507079245>

- Kaźmierczak, M., & Karasiewicz, K. (2019). Making space for a new role—gender differences in identity changes in couples transitioning to parenthood. *Journal of Gender Studies*, 28(3), 271–287. <https://doi.org/10.1080/09589236.2018.1441015>
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2020). *Dyadic data analysis*. Guilford press.
- Kline, R. B. (2016). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (4th ed.). The Guilford Press.
- Kluwer, E. S. (2010). From partnership to parenthood: A review of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Family Theory & Review*, 2(2), 105-125. <https://doi.org/10.1111/j.1756-2589.2010.00045.x>
- Kohlsdorf, M., & da Costa Junior, Á. L. (2009). O autorrelato na pesquisa em psicologia da saúde: desafios metodológicos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 131-139. ISSN 0103-7013
- Kohn, J. L., Rholes, S. W., Simpson, J. A., Martin III, A. M., Tran, S., & Wilson, C. L. (2012). Changes in marital satisfaction across the transition to parenthood: The role of adult attachment orientations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(11), 1506-1522. <https://doi.org/10.1177/0146167212454548>
- Lamela, D., Figueiredo, B., Jongenelen, I., Morais, A., & Simpson, J. A. (2020). Coparenting and relationship satisfaction in mothers: The moderating role of sociosexuality. *Archives of sexual behavior*, 49, 861-870. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01548-2>
- Lawrence, E., Rothman, A. D., Cobb, R. J., Rothman, M. T., & Bradbury, T. N. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of family psychology*, 22(1), 41. <https://doi.org/10.1037/a0010893>
- LeMasters, E. E. (1957). Parenthood as a crisis. *Marriage and family living*, 19(4), 352-355.
- Little, R. J. (1988). A test of missing completely at random for multivariate data with missing values. *Journal of the American Statistical Association*, 83(404), 1198-1202.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A Link Between Marital Conflict and Parenting in Two-Parent Families. *Journal of Family Psychology* (Vol. 15, Issue 1).
- Matias, M. & Ferreira, T. (2019). *Tradução do instrumento de avaliação da qualidade da relação – Quality of Marriage Index de Norton, 1983*. Versão não publicada.

- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais em Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45–54.
- Mickelson, K. D., & Biehle, S. N. (2017). Gender and the Transition to Parenthood: Introduction to the Special Issue. *Sex Roles*, 76(5–6), 271–275. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0724-9>
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405–434. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2002.41309.x>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2003). The Attachment Behavioral System In Adulthood: Activation, Psychodynamics, And Interpersonal Processes. *Advances in Experimental Social Psychology*, 35, 53–152. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(03\)01002-5](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(03)01002-5)
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2015). Boosting Attachment Security in Adulthood: The "broaden-and-build" effects of security-enhancing mental representations and interpersonal contexts. In J. A. Simpson & S. W. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Research* (pp. 124–144). The Guildford Press.
- Mitnick, D. M., Heyman, R. E., & Smith Slep, A. M. (2009). Changes in relationship satisfaction across the transition to parenthood: a meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 848–852. <https://doi.org/10.1037/a0017004>
- Obegi, J. H., & Berant, E. (2009). Introduction. In *Attachment Theory and Research in Clinical Work with Adults* (pp. 1–16). The Guilford Press.
- Oliveira, J. M., & Costa, M. E. (2007). *Experiences in close relationships – ECR. Portuguese Version*. Unpublished manuscript. Faculty of Psychology and Educational Sciences. University of Porto.
- Otto, A. F. N., & Ribeiro, M. A. (2020). Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando Famílias*, 24(1), 79-95.
- Paley, B., Kanoy, K. W., Cox, M. J., Harter, K. S. M., Burchinal, M., & Margand, N. A. (2005). Adult attachment and marital interaction as predictors of whole family interactions during the transition to parenthood. In *Journal of Family Psychology* (Vol. 19, Issue 3, pp. 420–429). <https://doi.org/10.1037/0893-3200.19.3.420>

- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: the mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509. DOI: 10.1037/a0029121
- Pepping, C. A., & Halford, W. K. (2012). Attachment and relationship satisfaction in expectant first-time parents: The mediating role of relationship enhancing behaviors. *Journal of Research in Personality*, 46(6), 770–774. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.08.005>
- Pinto, T. M., & Figueiredo, B. (2019). Attachment and coparenting representations in men during the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 40(6), 850–861. <https://doi.org/10.1002/imhj.21820>
- Pittman, J. F., Keiley, M. K., Kerpelman, J. L., & Vaughn, B. E. (2011). Attachment, Identity, and Intimacy: Parallels Between Bowlby's and Erikson's Paradigms. *Journal of Family Theory & Review*, 3(1), 32–46. <https://doi.org/10.1111/j.1756-2589.2010.00079>
- Refaeli, L. B., Rodrigues, M., Neaman, A., Bertele, N., Ziv, Y., Talmon, A., & Enav, Y. (2023). Supporting the transition to parenthood: a systematic review of empirical studies on emotional and psychological interventions for first-time parents. *Patient Education and Counseling*. <https://doi.org/10.1016/j.pec.2023.108090>
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Campbell, L., & Grich, J. (2001). Adult attachment and the transition to parenthood. *Journal of personality and social psychology*, 81(3), 421. DOI: 10.1037//0022-3514.81.3.421
- Riggs, D. W., Worth, A., & Bartholomaeus, C. (2018). The transition to parenthood for Australian heterosexual couples: expectations, experiences and the partner relationship. *BMC pregnancy and childbirth*, 18, 1-9.
- Roth, M., Weitkamp, K., Landolt, S. A., & Bodenmann, G. (2022). Couples' dyadic coping in the context of child-related stressors: A systematic review across three decades. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*. <https://doi.org/10.1037/cfp0000237>
- Russell, C. S. (1974). Transition to Parenthood: Problems and Gratifications. *Journal of Marriage and Family* (Vol. 36, Issue 2). <https://about.jstor.org/terms>
- Ryan, R. M., & Padilla C. M. (2019). Transition to Parenthood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (3rd ed., Vol. 3, pp. 513–555).

- Shapiro, A. F., Gottman, J. M., & Carrere, S. (2000). The baby and the marriage: identifying factors that buffer against decline in marital satisfaction after the first baby arrives. *Journal of family psychology*, 14(1), 59. DOI: 10.1037//0893-3200.14.1.59
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2009). An Overview of Adult Attachment Theory. In J. H. Obegi & E. Berant (Eds.), *Attachment Theory and Research in Clinical Work with Adults* (pp. 17–45). The Guilford Press.
- Sheedy, A., & Gambrel, L. E. (2019). Coparenting negotiation during the transition to parenthood: A qualitative study of couples' experiences as new parents. *The American Journal of Family Therapy*, 47(2), 67-86. <https://doi.org/10.1080/01926187.2019.1586593>
- Simpson, J.A., & Jaeger, M.M. (2022). Evolutionary perspectives on the role of early attachment across the lifespan. In Hart, S.L., Bjorklund, D.F. (Eds.) *Evolutionary perspectives on infancy: Evolutionary psychology* (237-255). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-76000-7_11
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2019). Adult attachment orientations and well-being during the transition to parenthood. *Current Opinion in Psychology*, 25, 47-52. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.019>
- Trillingsgaard, T., Baucom, K. J., & Heyman, R. E. (2014). Predictors of change in relationship satisfaction during the transition to parenthood. *Family Relations*, 63(5), 667-679. <https://doi.org/10.1111/fare.12089>
- Vieira, J. & Matos. P. M. (2011). Preditores da satisfação e do stress na parentalidade: O papel da vinculação romântica. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15(1), 125–144.
- Von Bertalanffy, L. (1976). Teoría general de los sistemas. *México: Editorial Fondo de Cultura Económica*, 336.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of personality assessment*, 88(2), 187-204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>
- Welch, T., Rouleau-Mitchell, E., Farero, A., Lachmar, E. M., & Wittenborn, A. K. (2019). Maintaining Relationship Quality During the Transition to Parenthood: The Need for Next

Generation Interventions. *Contemporary Family Therapy*, 41(2), 211–218.
<https://doi.org/10.1007/s10591-018-9481-y>

Young, M., Riggs, S., & Kaminski, P. (2017). Role of Marital Adjustment in Associations Between Romantic Attachment and Coparenting. *Family Relations*, 66(2), 331–345.
<https://doi.org/10.1111/fare.12245>

Zhang, S., & Li, T. (2021). Attachment style moderates the relationship between solitude and marital satisfaction: The cross-partner effects. *Family Relations*, 70(5), 1399-1411.
<https://doi.org/10.1111/fare.12576>

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

